

Quando o impossível
se torna possível

Encontrei-Me Em Ti



Catarina C. Branco

Título Original: Encontrei-me em Ti

Autora: Catarina C. Branco

Copyright © Catarina C. Branco

Copyright © Editora Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Tânia Roberto

Revisão: Catarina Alves

Coordenação de Marketing: Iara Andrade

Design Interior/Diagramação: Tânia Roberto/Catarina C. Branco

Imagen Interior: Freepik

Design de Capa: Catarina C. Branco

Imagen de Capa: Freepik

Marketeer: Ana Margarida Caçador

1º Edição: maio de 2024

Acabamento/Impressão: Ulzama - Gráfica

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Instagram.com/editoranovageracao

Facebook.com/editoranovageracao

Depósito Legal: 531953/24

ISBN: 978-989-9166-59-2



*A ti, que foste uma Grande Mulher, uma Mãe Dedicada, a Melhor Avó do Mundo!
Foste tudo para nós e deste tudo de ti. As saudades são muitas, mas sei que não
foi um adeus, mas sim um até já!*

Aviso de gatilho

Este livro contém cenas que podem ser consideradas perturbadoras, incluindo descrições do consumo de substâncias ilícitas e vocabulário considerado impróprio.

Descobre as Músicas da História





*"Não chores pelos mortos,
Que são apenas gaiolas donde os
pássaros voaram."*

Saadi

*"A morte não existe; é apenas uma evolução;
O ser humano sobrevive na hora suprema,
que não é maneira nenhuma a sua última hora"*

Camille Flammarion



*"O amor jamais desaparece!
A união das almas vence o tempo e a morte."*

Chico Xavier e André Luiz

Capítulo 1

Lisboa

Sempre preferi ficar sozinha, afastada das outras pessoas, mesmo quando queriam estar comigo.

Lembro-me de no colégio sentar-me de pernas cruzadas na manta, a observar as outras crianças e pensar que eram tão previsíveis. Depois da irritante música do *bom dia*, as meninas corriam como loucas para o canto da casinha. A primeira que alcançasse o boneco pousado no berço seria a mãe e as restantes, as filhas. Os rapazes também não eram muito diferentes e lutavam por causa do único carro vermelho, que por sinal era feio!

Nunca gostei de estar com os outros miúdos. Eram brutos e as suas brincadeiras eram estúpidas. Os meus colegas chamavam-me de estranha, esquisita, bicho do mato. Outras vezes ouvi os crescidos a dizerem que era anormal, até bizarra. Não sabia o que estes nomes significavam, mas de certeza que não era algo bom. Nunca ouvi chamarem isso a outro menino. Também pouco me importava. Preferia ficar sossegada no meu canto, com os livros que trazia de casa, porque os da escola eram demasiado infantis e cheios de macacada!

Quando tinha cinco anos, começaram as idas aos especialistas. Ano após ano, passou por mim um desfile de psicólogos na esperança de encontrar o tal que me assentasse na perfeição, como se fosse uma peça de roupa. No entanto, nenhuma me serviu. Desde criança que recebo rótulos como autista, menina com embotamento emocional ou comportamento desafiador/opositor. O último diagnóstico foi uma disputa renhida entre depressão crónica e personalidade *borderline*.

Para alguns especialistas, o problema sou eu, para outros é a minha mãe e a sua falta de assertividade e incapacidade de impor regras. Todos eles formados e pós-graduados em tanta especialidade de merda que nem lembra ao diabo. Prontos a apontar os culpados para o meu problema.

Impressionante como nenhum vem com a solução para o vazio que sempre foi constante!

Às vezes rio-me sozinha quando penso que já devo conhecer metade dos psicólogos de Lisboa e arredores. Sei que alguns até conversam e trocam

ideias sobre o misterioso caso da Ema Brito, a menina com um conjunto de sintomas tão díspares que daria para reestruturar os critérios e criar uma nova DSM¹!

Incrível como nenhum chega a uma puta de resposta para esta sensação de estranheza que me acompanha desde que me conheço!



— O que é isso que trazes pendurado? — questiona a minha mãe e percebo que está dividida entre a incredulidade e a frustração, sem saber ao certo qual delas sentir.

— É o meu novo *piercing*! Eles chamam de *septum*. O que achas? Ficou *amazing*, não? — Exibo com orgulho a argola pendurada no nariz.

— Mas porquê? — Ela leva a mão à cabeça.

— Porquê o quê? — Levanto a voz já à espera do julgamento.

— Tudo, Ema, tudo! Por que razão o fizeste? Com que autorização?

— Olha, só porque és minha mãe não quer dizer que mandas em mim! Já tenho quase dezoito anos. O corpo é meu e faço o que eu quiser!

— Mas de onde veio o dinheiro se cortei a tua mesada?

— Foi uma amiga minha que fez, está a estudar para ser *body piercer*. Ela fez um trabalho brutal!



Praticamente todos os dias temos discussões. Ela tenta castrar as minhas tentativas de explorar e perceber o que sou ou qual o meu propósito. Já não vamos ao psicólogo ou ao especialista do comportamento humano. Provavelmente, acha que já não tenho solução.

O meu pai chegou a essa conclusão muitos anos antes, quando tinha apenas sete anos e supostamente tentei-me suicidar. Na realidade, saltei de uma rocha para o mar. Apesar de não saber nadar, ele atraía-me. Desde o cheiro da maresia até à calma que transmite naquele vai e vem hipnotizante. Mas o meu pai, na altura, pensava que eu tinha um problema qualquer e, sendo cobarde, demitiu-se do papel de educador e deixou-nos sozinhas.

¹ A DSM é a sigla de Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (ou *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, em inglês). Foi criado com o objetivo de padronizar e reunir os critérios de diagnóstico das perturbações que afetam a mente e as emoções.

Para o que não há remédio, remediado está.

Então, continuo por aqui a deambular, a refugiar-me em músicas cujas letras me fazem sentir ainda mais na merda, como se fosse um masoquismo voluntário de querer sentir ainda mais dor. A cada dia que passa, sinto-me cada vez mais uma estranha. Todos os dias, sinto-me cada vez menos parte daquele espaço, uma forasteira daquela existência bizarra que já perdura há tanto tempo.

O dia de hoje não está a ser tão diferente daquilo a que estou acostumada. Estou a tomar o pequeno-almoço e olho para aquela mulher que nunca para. Ainda não são bem 8h, mas já anda de um lado para o outro como se tivesse inúmeras tarefas para fazer. Como de costume, não termino o pão e o café preparados com amor por aquela mulher.

— Ema, tens de comer mais, minha filha, estás tão magrinha. — Ela irrita-me como sempre.

— Sabes que de manhã nunca tenho fome! Só como porque me obrigas! — grito de volta, atiro o resto do pão sobre a mesa, levanto-me e viro-lhe as costas.

Todos os dias são assim, a preocupação dela a provocar uma irritação profunda em mim. Sei que não tem intenção de o fazer e que da sua parte há um amor incondicional que uma mãe tem por um filho. Mas não consigo retribuir. Para mim é a mesma estranha de sempre, alguém por quem tenho a obrigação de sentir amor. No entanto, por muito que tente, não consigo.

Vou ao meu quarto, pego na mochila e volto para o andar de baixo para ir embora. Passo pela cozinha e, pela primeira vez, a mulher que nunca vejo quieta, está sentada, com as mãos a cobrirem o rosto. Algumas lágrimas caem-lhe por entre os dedos e molham as migalhas de pão que deixei.

Sinto um aperto no estômago e engulo em seco. Todos os dias discutimos, hoje não foi diferente. Então porque é que ela está a dramatizar desta forma? Provavelmente está a tentar uma estratégia nova. Deve pensar que consegue mudar-me através da compaixão. Dou um passo em frente e transponho a entrada da cozinha. Quero ir à sua beira e dizer que ela nunca irá mudar quem eu sou! No entanto, acho que não vale a pena. Volto a dar um passo para trás e saio pelo corredor estreito que me leva à porta da rua.

Sinto a raiva a fervilhar dentro de mim. Porém, hoje é uma fúria diferente, vem da imagem que a minha mente me brinda constantemente com ela sentada à mesa, fingindo estar vulnerável.

Tenho de encontrar o Lucas. Ele tem o que preciso para me esquecer disto tudo e fazer com que o meu pensamento volte ao normal. Cumprimento o porteiro da escola e dirijo-me sem demora até às traseiras do edifício.

Ao longe vejo o meu amigo com outras pessoas à sua volta. Como sempre tem uma mão na cintura de uma rapariga diferente e um cigarro na outra.

— Achas que me arrandas qualquer coisinha? — Olho à volta enquanto lhe entrego vinte euros que tirei, na noite anterior, da carteira da minha mãe.

— Para a minha amiga tenho sempre! — Ele sorri de orelha a orelha quando vê a nota, e até consigo ver que lhe falta um dente atrás.

Da mochila, tira uma caixa de metal. O seu material está organizado, nuns quadrados tem cigarros, outros, pó branco e comprimidos.

— Este é oferta da casa por seres boa amiga. — Ele entrega-me um cigarro de pôlen a mais do que o meu dinheiro pode comprar.

Agradeço e afasto-me para um lugar discreto. Tiro o isqueiro do bolso, acendo um cigarro e dou uma passa bem longa. Sinto o fumo a invadir a minha boca, a descer pela garganta e a instalar-se nos pulmões. Aguento-o um pouco. Quando sinto umas picadas leves no peito, expulso o fumo à medida que me deito para trás contra a parede. Não espero que o efeito comece, volto a dar mais umas quantas passas, repetindo o mesmo processo. Eu quero chegar rapidamente àquele ponto em que deixo de sentir ou pensar.

Vejo as coisas a andar à roda, sinto o estômago às voltas. O coração bate descompassado e tenho dificuldade em respirar. Inspiro fundo e tento ser racional.

Calma! Tu apenas fumaste rápido demais! Encosta-te para trás, relaxa e aproveita esta viagem gostosa!

Ao longe, ouço a campainha da escola que alerta para o início da primeira aula. Penduro a alça da mochila num ombro e caminho até à sala. Quando chego, sento-me atrás no canto do costume, mas não consigo parar de rir. Desde a combinação de cores da roupa da professora e a forma como ela pronuncia as palavras até à meia dúzia de cabelos que o Renato tem na cara a fingirem ser barba. Não sei o que é que o Lucas meteu naquele cigarro, mas hoje tudo é cómico. Os meus colegas olham para trás sem disfarçar. Não me importa, já não estou assombrada por aquela imagem nem aquele aperto no estômago de há umas horas.

— Tenho alguma coisa escrita na testa? A matéria está no quadro! Pateta! — resmungo com um colega que olhou para trás.

— Nem sequer mereces resposta. Estás toda queimada dessa cabeça. Não deixes a droga que vais ver — riposta ele.

— Achas-te muito engraçado, é? Comeste palhacinhos ao pequeno-almoço? — grito ao mesmo tempo que me levanto e faço-lhe frente.

O comentário deixou-me com raiva, talvez mais do que o normal por que ele tinha razão. Porém, não posso dar o braço a torcer.

— Então, o gato comeu-te a língua? Já não tens nada para me dizer? Logo vi, sempre foste um gajo de muita garganta e pouca ação. Talvez deva chamar-te garganta funda. Aposto que farias muito sucesso no teu grupo de amigos! — insisto com escárnio.

A minha moca é tão grande que começo também a rir das coisas que digo. A professora expulsa-me da aula, mas as minhas gargalhadas são sonoras e fazem eco no silêncio daquela sala o que acaba por abafar os gritos dela. No meio desta espiral de raiva e risos, não consigo perceber que na minha direção vem um punho fechado. O colega que ofendi acerta-me no nariz e na boca que rapidamente lateja e se enche daquele líquido ferroso.

— Desculpa, Ema! Eu não queria magoar-te! — suplica ele, que olha à sua volta com a cara vermelha e tenta aproximar-se de mim para ver se estou bem.

Dou um passo atrás para me afastar dele e fico estática no meio daquela sala silenciosa, sinto os pingos de sangue pegajoso a cair do meu lábio. Ainda não consigo entender o que acabou de acontecer e, não sei se por vergonha ou por o efeito daquele cigarro estar a terminar, regresso à minha secretária, arrumo as minhas coisas e dirijo-me para a saída em silêncio.

— Ema, quando a aula terminar, vem ter comigo, por favor — solicita a professora com calma.

Aceno, fecho a porta atrás de mim, encosto-me a ela e penso que, como sempre, só faço merda. E ainda por cima estou magoada. A minha cara está a latejar, sinto-a a inchar.

— O que fazes aí parada? Já sabes que é proibido ficarem nos corredores enquanto houver aulas a decorrer! Sai já daí! — grita uma funcionária.

Penso na ironia da situação. Não podemos estar nos corredores para não fazer barulho, mas aquela velha berra tanto que aposto que se ouviu na entrada da escola. Sem paciência para mais confusões, faço o que me ordena. Percorro o corredor até às escadas, desço para o andar inferior e dirijo-me de imediato para a casa de banho. Vou direta ao lavatório, abro a torneira e tento estancar o sangue da boca. Percebo que o lábio tem um corte e por dentro o meu dente também me feriu. A minha narina já está raiada de vermelho e ameaça transformar-se em negro, tal como parte do meu rosto.

— Aqui tens para piores na cara — diz outra funcionária ao entregar-me um saco com duas pedras de gelo.

Bem, entregar é favor, quase que me atira com as pedras à cabeça e parece-me que murmura um insulto qualquer antes de se retirar. Dou com os ombros, pego num pouco de papel, enrolo à volta do saco e saio da casa de banho. À minha direita tem uma porta que dá acesso para o recreio e sigo por ela.

Lá fora, encosto-me à primeira parede que me aparece e deixo-me escorregar por ela abaixo até me sentar. Quando o gelo me toca na pele, retraio um pouco a cabeça como reflexo. Será pelo contraste frio? Por me arder? Ou simplesmente por que naquele momento sinto que, uma vez mais, consegui ridicularizar-me?

Ema, zero; vida, destino ou o caralho que seja, mil e quinhentos elevado ao infinito!

Capítulo 2

A

o fim do que pareceu uma eternidade, a campainha avisa-me que a aula terminou e vou até à sala.

— Ema! Espera Ema!

Olho para o corredor do outro lado e vejo o colega com quem gozei na aula. Ele vem na minha direção. Será que quer falar alguma coisa comigo? No entanto, desvio o olhar, baixo a cabeça e sigo para a sala, ignorando-o. Nem pensar que me vou envergonhar ainda mais.

— Precisa de alguma coisa *stôra*? — questiono agora sem rir, pois, o efeito do cigarro já passou e sou assaltada pela dor de cabeça terrível da ressaca. E do murro.

— Sabes que percebi que estás sob o efeito de substâncias e esta não é a primeira vez que vens neste estado para as minhas aulas. — Simplesmente abano a cabeça em silêncio. — Isto hoje tomou proporções muito graves! Conseguiste fazer com que até o Daniel esgotasse a sua paciência! Óbvio que não é justificação para que te agredisse e, por isso, vou fazer uma participação dele, mas...

— Não! A *stôra* não vai fazer nada disso! Fui eu que o provoquei. Não acho justo que ele receba as consequências.

— Sou obrigada a reportar a conduta desadequada dele e não é algo que possas ter palavra acerca disso.

— Se fizer queixa dele, direi que está a mentir.

— Vamos concordar em discordar, minha amiga — arremata, condescendente, e ignora o meu pedido. — Também vou fazer uma participação contra ti e irei chamar a tua mãe.

— Faça como achar melhor *stôra*. — Dou com os ombros. — Apenas acho injusto que as outras pessoas sofram consequências por causa das decisões de merda que tomo.

Saio de rompante, ainda com ela a chamar por mim. Percorro o corredor o mais rápido que posso para que aquela mulher nem sequer pense em vir atrás de mim ou mande a funcionária.

Para minha infelicidade, quando chego a casa, percebo que a minha mãe também já lá está. Pelo barulho que faz, parece-me que está a fazer o jantar.

Tento entrar o mais sorrateiramente que consigo porque tenho quase a certeza de que a DT² já lhe ligou a informar do sucedido. Penduro melhor a mochila aos ombros e descalço os ténis. Por uma das entradas da cozinha que fica no corredor, espreito com cuidado. Ela está de costas a cortar qualquer coisa no balcão. Então decido ser mais silenciosa que um gato à noite e dirijo-me às escadas.

— Ema, podes chegar aqui, por favor? — Ela chama-me mesmo quando galgo o primeiro degrau. Reviro os olhos, pouso as coisas no chão e vou até à entrada da cozinha.

— Diz. — Sou breve, seca mesmo, para que perceba que hoje não estou nos meus dias.

— A tua professora ligou-me e contou-me que...

— Sim, já todos sabemos da última merda que fiz. Posso ir para o meu quarto?

— É óbvio que não, Ema! Não percebes que ainda estou a falar contigo?

— Então continua.

— A partir de hoje ficas de castigo!

— Ai mãe, sempre tão engraçada! De castigo... — rio-me.

— Estou a falar a sério. Vais ficar sem telemóvel e sem saídas por três semanas!

— O quê? Mas estás a passar-te? Eu é que andei a fumar umas ganzas e tu é que ficas a tripas?

— Primeiro, não admito que fales assim comigo, eu sou tua mãe! Segundo, tu já andas a passar dos limites há muito tempo e fui deixando andar, mas agora não dá mais. Vais ficar de castigo e ponto final, quem manda nesta casa sou eu!

— Tu não mandas em mim! Eu sairei quando eu quiser! O telemóvel é meu e não tens o direito de me tirar! E esta conversa acaba aqui!

Rodo sob os calcanhares, saio da cozinha, pego na mochila e vou até ao meu quarto.

— A conversa acaba quando eu disser, menina Ema! Vai para o teu quarto e pensa no que é que fizeste. Aproveita e arrefece a cabeça. — Ela gosta de ter a última palavra nas nossas discussões. Deve ser a sua forma de mostrar que manda.

Assim que chego ao quarto, atiro com a mochila para um canto e sento-me na beira da cama. Cerro os dentes com força quando me lembro do que aquela mulher me disse. A minha perna treme e sinto um fogo a subir desde o estômago até me incendiar a cara. Levanto-me e deambulo pelo quarto para

2 Abreviatura para Diretor(a) de Turma.

acalmar aquela raiva. Sento-me na cadeira da secretaria e ligo o portátil. O programa ainda mal arrancou e a voz dela volta a invadir a minha mente. Balanço na cadeira, primeiro, para a frente e para trás para, depois, a rodar de um lado para o outro.

A conversa acaba quando eu disser, menina Ema!

Agarro no mouse Bluetooth e faço-o voar contra a parede com força. Escusado será dizer que acaba em vários pedaços pelo quarto. Lágrimas de raiva correm pelo meu rosto enquanto tento controlar o nó na garganta que bloqueia a passagem de ar.

Volto a levantar-me e deito-me na cama por cima das cobertas. Passo as mãos no rosto para o limpar e fixo o teto do quarto.

— Se achas que ganhaste, estás muito enganada!



— Ema... Acorda, Ema.

— Que se passa? — Percebo que adormeci e estou confusa com a presença daquela mulher no meu quarto.

— Já passa da hora do jantar, vem comer qualquer coisa.

— Não tenho fome, deixa-me!

Viro-me para o outro lado e fico de costas para ela. Ouço-a a inspirar fundo e parece-me que está a ceder.

— O teu prato está feito e no micro-ondas. — Ouço-a a dirigir-se para a saída do quarto, mas dá uns passos atrás. — A tua professora ligou novamente. Ela diz que decidiram suspender-te por uma semana. E o castigo aqui de casa mantém-se.

Quando tenho a certeza de que ela já saiu, sento-me na cama com as pernas cruzadas, fecho os olhos e inspiro fundo.

— É impossível seres a minha mãe. Como é que, passados tantos anos, ainda não comprehendes o que sinto e ainda me dás castigos parvos?

Deito-me de barriga para cima e imagino como seria se tivesse nascido noutra família. Será que as coisas seriam diferentes ou continuaria a sentir-me uma estranha? É claro que outros pais me apoiariam e compreenderiam quando eu não estivesse bem. Mais importante, não me abandonariam e teria sido uma criança bem mais feliz!

Fecho os olhos e recordo o dia em que o meu pai nos deixou. São apenas imagens soltas dele a andar para trás e para a frente. A atirar a roupa e as suas coisas para dentro das malas com a minha mãe no seu encalce a chorar desalmadamente.



— *Pensa melhor, António... Estás a tomar uma decisão de cabeça quente!*

— *Não, Roberta, já estou decidido!*

— *Ela é apenas uma criança! Nem todas são fáceis e nenhuma vem com livro de instruções!*

— *Eu sei que todos os miúdos são diferentes, mas ela é estranha demais. Roberta, ela atirou-se ao mar!*

— *E tudo se resolveu, conseguimos salvá-la! — A minha mãe tenta dissuadi-lo.*

— *Talvez esse tenha sido o erro, ter conseguido tirá-la com vida — suspira ele com amargura.*

— *Que merda acabaste de dizer, António?! Já viste a barbaridade que te saiu pela boca? Pensava que o teu sonho era ser pai! Vais abandonar a tua filha no momento em que ela mais precisa de ti? Eu já não te reconheço!*

— *Juro que tentei, mas sou eu que não consigo reconhecer a minha bebé nessa miúda. Por isso, acabou-se.*

A porta fecha-se com estrondo depois dele sair com as malas. A minha mãe cai de joelhos a chorar e a olhar para o vazio agarrada ao seu peito.



Já não me recordo muito bem das feições daquele homem, mas as suas palavras assombram-me até hoje. A minha mãe nunca mais se pronunciou sobre a partida dele, porém, sei que me culpa por nos ter abandonado e sinto que ela sabe.

Aos poucos, emergem na minha mente recordações de mim a correr num jardim atrás de uns pombos, dos peixes vermelhos e cíncenos num tanque e das flores cor-de-rosa e lilás. Sinto o meu rosto a rasgar-se num sorriso e a vontade que tinha de gritar é substituída por uma serenidade surreal. Eu não percebo o que está a acontecer, mas não importa. Mantenho-me de olhos fechados e tento absorver mais aquele momento que agora é invadido por um aroma floral que me enfeitiça.

O barulho da porta do quarto da minha mãe a fechar assusta-me e obriga-me a abrir os olhos. Há tanto tempo que não me recordava daquele lugar que um dia me deixou tão feliz!



Durante a semana em que fui suspensa da escola, todos os dias eram iguais: fingir dormir até a minha mãe sair para não ter de vê-la. Assim que ouço o carro a ligar, levanto-me e espreito com cuidado pela janela. Quando o vejo a afastar-se, troco de roupa, calço os ténis e vou até ao parque onde o Lucas tem por hábito ficar durante o período de aulas. A nós também se juntam o Jorge, a Tatiana, a Melissa e a Joana. Também conheço a Lara que, no primeiro dia, depois de umas ganzas e uns *shots* de whisky, já começa a enrolar as suas mãos no meu corpo e deixa-me a delirar apenas com os seus beijos.

— Sabem o que seria porreiro? Conseguirmos um sítio para fazermos uma festa privada só connosco — diz o Jorge acelerado depois de umas passas no cachimbo de papel de alumínio improvisado.

— Tu 'tás todo fodido! — rio-me, apesar de não estar muito melhor que ele.

— 'Tou a sério, Ema! Imagina umas quantas bebidas, muita droga e estas gajas boas! Ai que *night* que ia ser, caralho!

— *That would be the dream, my friend.* Mas até lá só mesmo em sonhos.

— Consulto o telemóvel da Lara. — Vou ter de ir embora porque a outra chega a casa daqui a uma hora.

— Vou ter saudades tuas. — A Lara enrola os seus braços na minha cintura e beija-me.

— Tenho mesmo de ir. É só umas horas. — Afasto-a assim que sinto a sua língua à procura da minha.

Despeço-me do pessoal e vou o mais rápido que consigo para casa. Quando chego, deixo os ténis no mesmo lugar, vou tomar banho para tirar quaisquer cheiros e visto o pijama. Misturo a roupa que usei pelo meio da outra já suja e vou para o andar de baixo. Entro na cozinha pela porta perto das escadas, preparam uma sandes de manteiga de amendoim e *nutella* e tiro uma lata de *Coca-Cola* do frigorífico. Coloco tudo num tabuleiro, vou para a sala pela outra entrada da cozinha e sento-me no sofá. Ligo a televisão e saboreio aquele pão como se fosse o melhor repasto do mundo.

Passada uma meia hora, ouço a minha mãe a estacionar o carro. Segundos depois a porta de casa abre.

— Ema, filha, já cheguei!

— Não se nota nada... — murmuro arrogante.

— Ah, estás aqui. Olha daqui a pouco vou sair para um jantar da empresa.

Enquanto ela faz qualquer coisa na cozinha, vou rapidamente para o meu quarto, ligo o portátil e mando mensagem ao Lucas.

Afinal o sonho do Jorge vai realizar-se ainda hoje 😊

17h15

Preparam tudo e fiquem a postos

17h15

Quando a costa estiver livre, mando-te mensagem

17h16

Já avisei o Jorge e as meninas

17h17

Eles vão tratar das bebidas

17h25

Estou a terminar de repor a "mercadoria"

17h30

Esta noite vai ser de 😊💡💡

17h32

— Posso, filha? — ela questiona antes de entrar.

— Sim — minimizo a tela do *WhatsApp*.

— Queres que ligue à mãe da Bia para ficas com eles esta noite? — sugere enquanto dá os últimos retoques na sua maquilhagem com uma mão e segura um espelho pequeno com a outra.

— Nem pensar! Estou cansada e só quero dormir. A última coisa que preciso é de aturar o parvo do irmão dela.

— Não sejas assim, é apenas uma criança de cinco anos. É normal que esteja mais de roda de ti e queira brincar.

— E eu já não tenho idade nem paciência para aturar putos!

— Pronto, já percebi. Não precisas de ficar irritada. — Ela vai até à janela do meu quarto. — O meu Uber já chegou. Tens *pizza* no forno para comeres e vou tentar não chegar muito tarde, está bem?

— Demora o tempo que quiseres e vai descansada.

Ela sai do meu quarto, ouço-a a descer as escadas, a abrir e a fechar a porta de casa. Vou até à janela e, discretamente, vejo o carro a afastar-se. Volto de novo para o computador.

A costa está livre

17h45

Não te esqueças de trazer tudo o que combinámos

17h45

Nem penses em falhar com nada 😊

17h45

Estaremos aí em 20min

17h48

Até lá, prepara-te para a noite mais doida da tua vida 😊

17h48

Capítulo 3

Amalta chega cá a casa ao fim do tempo indicado pelo Lucas. Este entra com a sua malinha pendurada ao ombro e com um sorriso enorme na cara. Atrás dele vem o Jorge, que traz um saco enorme de supermercado onde vêm a tilintar as garrafas de bebida.

— Está um Sol de queimar aí fora! — gozo com ele por trazer os óculos escuros na cara.

— Isto é *p'ó* estilo miúda! Não percebes nada disso.

— Vai preparar as bebidas que é para aproveitarmos! E por falar em aproveitar, as meninas estão bem bonitas! — cumprimento-as com um beijo no rosto. — E cheirosas!

— O teu elogio também me inclui?

A Lara apoia-se na ombreira da porta, de olhos semicerrados e passa a língua ao de leve nos lábios.

— Tu estás sempre boa, isso nem se discute. Entra, não fiques à porta.

Ela acede ao meu pedido e, à medida que adentra pela casa, miro-a de cima a baixo e sinto desejo ao vê-la naquela saia minúscula. Fecho a porta, rapidamente, a proximo-me da Lara, agarro-a pela cintura e caminhamos até à cozinha pela entrada do corredor. O Jorge e as outras miúdas já dispuseram as garrafas e estão a encher vários copos. Pela passagem que dá para a sala, vejo o Lucas de joelhos a preparar o seu material na mesa do café.

A Lara roda nos meus braços e empurra-me para o corredor. Ela começa a beijar-me, encosto-a à parede e corrospo ao seu beijo. Sinto as suas mãos a descerem dos meus ombros e a passarem pelos meus seios, que aperta gentilmente. Continuo a beijá-la até que a sinto a abrir as minhas calças.

— Calma, a noite ainda mal começou — digo quando sinto a sua mão escorregar para dentro das minhas calças.

— Já não estou contigo há tanto tempo, é normal que queira aproveitar.

— Ei! Deixem os amassos por uns segundos que as cenas já estão prontas para serem degustadas! — replica o Lucas com ar de anfitrião.

Sentamo-nos em torno da mesa de café no centro da sala. A Lara senta-se no meu colo e não arreda as mãos do meu corpo. De um lado tem vários *shots* de *vodka*, *whisky* e tequila. Do outro, o arsenal do Lucas exposto, desde

aqueles cigarros de pólen fantásticos, pastilhas e pó. Esmeraram-se! Bebo dois *shots* de pancada, um seguido do outro, enquanto o Jorge me estende uma placa de vidro com pó. Ainda pondero se estou preparada para aumentar o nível e o meu olhar vagueia entre o que me oferecem e os outros que me observam.

— Passa isso para cá! — ordeno ao Jorge depois de emborcar mais dois *shots*.

Assim que inspiro aquele pó, parece que a narina queima e que vai rebentar de tanta pressão. Após estes primeiros segundos meio desagradáveis, esfrego o nariz com os dedos e inspiro novamente. É então que sinto uma espécie de pancada forte na cabeça que passa a estar a mil à hora. Percorro a divisão toda com o olhar e sinto-me invadida por uma onda de adrenalina.

— Então gostosa, não dissesse que estavas com saudades minhas? Por que esperas para irmos para o quarto? — indago à Lara.

As palavras saem mais rápido da minha boca do que penso nelas e, mais do que uma pergunta, soam como uma ordem. Levantamo-nos, ela enrola os braços à minha volta e beija-me o pescoço. Dou uma olhada rápida antes de sair da sala e vejo que o Jorge já está aos amassos com a Melissa e o Lucas está muito mais à nossa frente com a Joana a fazer-lhe um oral sem qualquer pudor enquanto ele beija a Tatiana.

Subimos as escadas rapidamente e, quando chegamos ao meu quarto, a Lara encosta-me à parede, despe-me a *t-shirt* e beija-me com desejo. Ela empurra-me para cima da cama, despe-me as calças e deita-se em cima de mim. Começo a sentir-me exitada porque ela roça o corpo no meu sexo num movimento delicioso enquanto me acaricia os seios mesmo por cima da roupa interior.

— Isso é tudo tesão, gaja? — replico a rir.

— Não, é mesmo uma vontade incontrolável de te querer para mim! — responde antes de me tornar a beijar.

Aquela conversa da Lara faz com que o meu desejo, que esteve ao rubro até àquele momento, diminua. Começo a sentir umas coisas estranhas. O coração bate descompassado e a cabeça lateja com tanta força que me obriga a fechar os olhos com força. Desesperada, levo as mãos ao pescoço, como se isso melhorasse a quantidade de ar que está a entrar naquele momento. Mas não tem qualquer efeito, continuo a sentir que o ar me está a faltar. Empurro a Lara, sento-me na cama e aperto os lados da cabeça para que aquela dor e todas as sensações estranhas desapareçam. Apenas fica pior!

— O que se passa, Ema? Já não gostas da maneira como te toco? Preferes que faça assim?

— Nem te atrevas a tocar-me, caralho! — grito e bato na mão dela para não voltar a sentir-me mal.

Com o olhar, varro o chão à procura das minhas calças. Avisto-as num canto do quarto, levanto-me, apanho-as e visto-as. Pego nos ténis e calço-os mesmo sem os desamarrar. A parte de trás está dobrada e magoa-me no calcanhar, mas não quero saber; agarro na *t-shirt* caída perto da porta e dirijo-me à saída do quarto.

— Foda-se, Ema! Vais deixar-me aqui sozinha?

Viro-me na direção da Lara. Ela tem os olhos semicerrados, uma sobrancelha mais baixa que a outra e o canto da boca meio levantando. Apesar de estar com uma moca desgraçada daquele pó que inspirei, consigo perceber que ela está confusa com o meu comportamento.

— Que se passa? — pergunta novamente.

Ainda abro a boca para lhe responder, mas eu preciso de sair dali! Cada vez me sinto com mais dificuldade em respirar. Saio do quarto e fecho-me na casa de banho. Abro a torneira e deixo a água correr por uns segundos para que saia bem fria. Com as mãos em concha, tento levar o máximo de água à cara, várias vezes! Fecho a torneira, apoio as mãos no lavatório e debruço-me para a frente, de cabeça baixa. O coração continua a disparar no peito feito carro de corrida. Uma dor surge-me na nuca e, em questão de segundos, sobe até ao cimo da cabeça, latejando.

Procuro o meu reflexo no espelho. Tenho os olhos raiados de vermelho, as pupilas dilatadas. Tenho a sensação de que a visão duplica e agora há duas de mim. Fecho os olhos e sacudo a cabeça.

Será que foi daquele pó maldito?, repito diversas vezes para mim, à medida que a minha imagem começa a ficar normal.

Volto a abanar a cabeça, visto a *t-shirt*, saio da casa de banho e desço até à sala. Sinto-me desorganizada, os pensamentos estão todos misturados e saltam uns sobre os outros.

Tenho de fazer alguma coisa para esta sensação estranha desaparecer!

Assim que entro na cozinha, vejo os rapazes na porta que dá para o quintal traseiro e as miúdas estão a ajeitar a roupa.

— Foste rápida! — goza o Jorge à medida que expulsa um bafo de fumo.

— Vai te foder! Aguento muito mais tempo do que tu, que cospes mal a gaja te toca! — O Jorge cala-se e baixa a cabeça quando o Lucas se ri com a minha conversa. — Isto está uma seca do caralho!

— E que queres fazer?

— Epá não sei, qualquer coisa é melhor do que ficar a olhar para as vossas caras de tolos todos mamados das ganzas que andaram a fumar.

As raparigas riem-se, porém, o Lucas não acha piada porque fica de semblante fechado. Aquela sensação estranha continua a aumentar dentro de mim e sinto-me a sufocar. Não sei se da pica do pó que cheirei ou da necessidade intrínseca de sentir que controlo algo, pego nas chaves do carro da minha mãe e abano-as no ar fazendo-as tilintar.

— Quem quer vir dar uma volta? — desafio os presentes e eles ficam de olhos arregalados.

— Tens a certeza de que o deves fazer? E se és apanhada? — questiona o Jorge.

— Estás com miúfa é? — gozo na cara dele.

— Não é isso, é que, bem, a...

— Pois não, por isso é que estás todo cagadinho que até gaguejas! É a última vez que pergunto, alguém quer vir comigo ou vão ser todos uns conas?

— Eu vou contigo! — A Lara avança e agarra-se ao meu braço. — Aposto que vai ser *muita* louco!

— Já que estão todos com medinho, vou mesmo sozinha.

Ignoro a Lara deliberadamente. Não quero conduzir o carro sozinha, mas depois do que ela me fez sentir no quarto, recuso-me a estar na sua presença. E se eu ficar pior? Aí sim é que vai acontecer merda!

Percorremos a casa até sairmos na entrada principal onde a minha mãe tem o carro, abro-o e sento-me lá dentro.

— Não te esqueças do cinto! — berra o Jorge com ar de gozo.

— Isso é para *pussies* como tu! — replico depois de abrir o vidro ao mesmo tempo que lhe mostro o dedo do meio.

Endireito-me no assento, meto a chave e rodo-a. O motor engasga-se, o carro vai abaixo e dá um solavanco para a frente. Sinto a minha camisa a colar nas costas devido ao suor quando vejo o Lucas a rir. Fecho os olhos, visualizo como a minha mãe faz e volto a tentar. Desta vez o carro aguenta-se, baixo o travão de mão, deixo o carro deslizar até entrar na estrada.

— Puta merda! Nem acredito que estou a fazer isto! — grito de coração acelerado e a saltitar no banco.

O carro está praticamente no meio da rua e os pulsos doem-me da força que faço para as mãos não tremarem no volante. O motor começa a roncar mais um pouco, meto o pé a fundo na embraiagem e coloco a mudança acima. No entanto, o carro começa a sacudir um pouco, penso que talvez tenha levantado o pé do pedal muito rápido e tento manter um equilíbrio entre a embraiagem e o acelerador.

Afinal não é nada de complicado. Isto não é muito diferente dos jogos de corrida da consola!, penso quando já vou no fim da rua e dou o pisca para a esquerda de modo a regressar.

Sinto-me bem e sorrio quando vejo a minha casa ao longe e os meus amigos a pularem de braços no ar e a assobiarem. Reduzo a velocidade à medida que me aproximo da entrada. Lembro-me que tenho de meter o carro do jeito que estava para a minha mãe não perceber nada.

Agora é só meter o recuo e deixá-lo subir devagarinho.

Asseguro-me, pelos espelhos laterais e pelo retrovisor, de que o carro está centrado e com a traseira virada para a entrada. Coloco o pé na embraiagem e tento colocar a mudança que pretendo. Não sei se faço isso mal ou se troco os pedais, mas o veículo sai disparado para a frente aos ziguezagues até bater noutro que está parado. O meu corpo é atirado para trás depois de bater com a cara no volante. A minha cabeça está dorida e a latejar. Olho para o retrovisor para ver o meu estado, mas luzes azuis e vermelhas atrás de mim deixam-me ofuscada.

— Ah foda-se! — Passo as mãos no rosto.

